

CAPÍTULO 1

Realismo e localização

I

Se vamos ao âmago das experiências que o filósofo realista apresenta para provar sua metafísica, logo percebemos que elas se baseiam em um conhecimento ingênuo do espaço e que o *realismo das coisas* tem como primeiro suporte um verdadeiro *realismo da extensão*. É do espaço que o Realista haure suas intuições primeiras. É no espaço também que ele prova a objetividade do real. Determina o espaço como ponto de encontro dos pensamentos. Esta segunda ordem de provas, que sustenta o conhecimento intuitivo e direto do real, se desenvolve de modo mais ou menos discursivo. O desenvolvimento discursivo assume naturalmente uma forma polêmica: se você recusa ao Realista uma experiência probante da realidade diretamente percebida, ele lhe mostra um ponto específico do espaço onde indicará a presença de uma coisa. Esse ponto específico — uma marca, uma ocasião ou uma substância — será o lugar exato onde o Realista lhe pedirá que atinja ou aguarde a realidade, já que você tem dificuldade em percebê-la em uma intuição primeira. Convém notar que o Realista mostra-se menos preocupado com a precisão temporal que com a precisão espacial. Se um fenô-

meno for retardado, será simplesmente pela preguiça de uma causa; a substância nada tem a ver com isso. Até pelo contrário: um fenômeno adormecido é uma riqueza da substância que se economiza; é o sinal de uma realidade mais profunda, menos fugaz. Desse modo, as características estáticas do real predominam sobre as características dinâmicas. Para o êxito da polêmica realista, o essencial é que o *lugar* onde ocorrerá o acontecimento designado seja fixado, é que a coisa inerte ou obscura possa esperar, em um lugar preciso do espaço, o movimento ou a luz. Assim, a base do conhecimento do real é o quadro espacial, e a localização é a única raiz verdadeira da substancialização.

Em tais condições, é pelo aperfeiçoamento da localização que o filósofo deseja passar do realismo ingênuo para o realismo esclarecido. As doutrinas positivistas da medida parecem originar-se dessa localização aperfeiçoada. Por essa via, chega-se insensivelmente às provas científicas do realismo. Será assim estabelecida uma certa homogeneidade na metafísica realista, a ponto de dizerem que o físico é pura e simplesmente um Realista: só pode basear sua ciência em uma realidade que independe de todas as construções teóricas. Essa homogeneidade aparente provém, a nosso ver, do privilégio concedido à experiência da localização, à descrição puramente espacial dos fenômenos. Quando se examinam as experiências de localização encontra-se um programa fecundo para discutir as teses realistas.

Antes de discutir essas teses, examinemos melhor as certezas fundamentais que a metafísica realista extrai do estudo topológico dos objetos que povoam o espaço e vejamos se

nossas experiências sobre a localização usual são tão homogêneas como parecem à primeira vista.

O que mais chama atenção é a rapidez com que o Realista recorre às experiências propriamente geométricas. Pressione-o um pouco. Argumente que conhecemos pouco desse real que ele pretende tomar como um dado. O Realista concordará, mas com a pronta resposta: “Pouco importa que não saibamos o que é o objeto; mesmo assim sabemos que o objeto *existe*, pois ele *está ali*; você e eu sempre podemos encontrá-lo em uma dada região do espaço.” O lugar aparece portanto como a primeira das qualidades existenciais, a qualidade pela qual todo estudo deve começar, na qual também todo estudo deve terminar para ter a garantia da experiência verdadeiramente positiva. Será possível falar de uma realidade que esteja em toda parte? Equivale a afirmar que ela não está em parte nenhuma. De fato, o espaço é o meio mais seguro de nossas diferenciações, e o Realista, pelo menos quando polemiza, sempre se baseia na designação de objetos espacialmente diferenciados. Quando o Realista garante a raiz geométrica de sua experiência da localização, ele concorda facilmente com a característica não objetiva das qualidades sensoriais e até das qualidades mais diretamente relacionadas com a geometria da localização. Por exemplo, o Realista deixará de lado a discussão sobre a forma e o volume. Atribuindo a voluminosidade a todas as sensações, ele a transformará em uma metáfora cuja objetividade já não assegurará.¹ Aceitará que o objeto sustente mal sua figura,

1. Cf. W. James, *Précis de psychologie*, trad. francesa, p. 443. [N.A.]

que ele seja deformável, compressível, poroso, vago. Mas, ao menos, nem que seja por *um único ponto*, o objeto será retido na existência geométrica. Essa espécie de centro de gravidade ontológico se apresentará como a raiz da experiência topológica. Chega-se a um cartesianismo pontual e já não figurado. Esse cartesianismo de centros nitidamente designados, embora distribuídos em um espaço homogêneo mal explorado, será a fonte de certezas maiores.

Talvez não tenha sido devidamente enfatizada a importância dessa segmentação do realismo espacial que permite opor a solidez desses centros de perspectiva objetiva à característica subjetiva de uma voluminosidade mais ou menos abundante. Para a metafísica realista, um objeto particular é, antes de tudo, um *ponto singular* do espaço. Em torno desse ponto podem se manifestar fenômenos muito diversos; essas diversidades podem circunscrever mais ou menos o objeto: pertencerão porém a um mesmo objeto desde que tenham o mesmo centro de localização. Quem for ao fundo da certeza realista verá que o *recorte* que deu origem às apuradas observações psicológicas e metafísicas de Bergson e de Le Roy é feito necessariamente em torno de um *centro de objetividade*. O realismo nunca se contenta — como deveria fazer, ao que parece — com uma realidade fechada que *realizaria* na periferia dos objetos as sensações pelas quais os conhecemos. O recorte segue uma figura mais ou menos contingente, ao longo de um pontilhado mais ou menos fechado sobre o objeto, em relação mais ou menos estreita com nossas necessidades e nossos desejos. Mas a verdadeira reserva de realidade está no centro. É o centro que protege a unidade; o centro é o

elemento da aritmética do real; o centro sustenta o sujeito de todas as frases predicativas nas quais expomos as qualidades do real. Étienne Souriau reconheceu muito bem a influência da localização pontual no pensamento substancialista:

Foi o uso frequente, como sujeito gramatical, da determinação local que levou Sigwart a hipostasiar essa determinação local e a fazer dela o único verdadeiro sujeito de inerência: o que força a só considerar como inteligível a mudança contínua que se efetua no mesmo lugar do espaço.²

Se a localização pontual é tão clara, tão sólida e, por assim dizer, tão lógica, é explicável que o Realismo tenha considerado tão facilmente que estava de acordo com as doutrinas da Relatividade. O Realista não pretendia salvar as formas extensas de seus objetos reais. Bastava-lhe estar seguro de manter os centros reais de localização. Nas doutrinas relativistas, jogava-se afinal com o *exterior* do real; parece que se deixava ao Realista a substância interior do real. Eram modificadas as relações geométricas dos objetos; não eram modificados o seu número, a sua unidade, a sua existência absoluta, ficando entendido que a existência absoluta dos objetos é sua existência espacial pontual. O Realista aceitava, portanto, todos os paradoxos das figuras diminuídas, dos coeficientes de contração, das mudanças de escala. Limitava-se a reaplicar, ponto por ponto, coisa por coisa, o mundo matemático retificado pelo mundo intuitivo. O Realista renunciava espontaneamente a seus métodos de localização; nem por isso renunciava a seus centros de localização, descumprindo assim a prescrição primeira de toda sã filosofia:

2. Étienne Souriau, *Thèse*, p. 94. [N.A.]

o dever de definir o objeto pelos métodos experimentais que nos oferecem as características desse objeto.

Diante das novas doutrinas quânticas, o Realista ainda julga possível fundamentar suas certezas sobre os mesmos centros. Sem dúvida, certas teorias quânticas parecem implicar para o objeto uma espécie de tremor essencial e até uma espécie de diluição, já que se atribui ao objeto o caráter estritamente pontual sem no entanto especificar o lugar desse centro. Desta feita, parece que o objeto sustenta mal não apenas sua figura mas também seu lugar. O Realista não se declara vencido por tão pouco. Pretende compreender a física quântica sem reformular sua própria experiência, nem seus princípios, nem sua metafísica. Embora o micro-objeto, considerado estatisticamente, tenha efeitos locais muito mal determinados, o Realista deseja que esses efeitos tenham mesmo assim uma causa local bem determinada. Ele não deseja tomar o tremor, a ondulação como todos, como sínteses coisa-movimento. Quer analisar intuitivamente esses elementos complexos que não são analisáveis experimentalmente e postula o ponto material como dotado de localização exata. Voltaremos a tratar detidamente das experiências efetivas da localização quântica para mostrar que seu caráter descontínuo prejudica profundamente o realismo da extensão. Por enquanto, admitamos ainda que o Realista consiga tomar como base a localização contínua dos microfenômenos e, para concluir esta simples exposição do realismo espacial que logo vamos refutar, fixemos com a maior nitidez possível o princípio essencial e primeiro dessa localização centrada em um ponto designado.

Parece claro que o princípio topológico do realismo espacial só coloca em jogo uma simples e pobre relação: *a relação de continente a conteúdo*. De fato, já que as figuras dos objetos são apenas aspectos mais ou menos contingentes, já que a verdadeira ou pelo menos a mais forte raiz da certeza realista provém da localização segura de um objeto em uma região especificada do espaço, deve-se definir a *pesquisa* do real como um envolvimento progressivo; será preciso provar a certeza do realismo fixando um invólucro dentro do qual se encontrará com certeza o objeto designado: “Meu cofre está em meu escritório; minha pasta está em meu cofre; logo, minha pasta está em meu escritório.” Estou tão seguro desse *silogismo da localização* quanto do silogismo da implicação. Não é sem razão que a lógica formal foi baseada nesse encadeamento de bens. Um especulador pode tentar provar que o conteúdo de minha pasta é solidário de convenções sociais — isto é, de ideias mais ou menos teóricas —, que essas convenções extrínsecas são os únicos motivos da minha fortuna, que o mundo financeiro é um complexo de leis financeiras, que uma obrigação financeira só oferece um bem real quando é *realizada* e que ela se realiza fora do cofre, no banco, na Bolsa, no templo dos valores fiduciários... O Realista sorri ao ouvir tantos paradoxos. Sem se abalar com a facilidade com que se acrescentam temas teóricos ao real, responde: “A única base objetiva, real, segura, de sua ideia a respeito da realidade financeira é que suas ações estão no cofre e que o cofre está no seu escritório. Nele é que ladrões ou herdeiros poderão encontrá-las. Os motivos subjetivos para localizar um objeto podem ser bem diversos;

mesmo assim, a localização se baseará unicamente na convergência dos sucessivos encadeamentos. É uma operação nitidamente centrípeta, metodicamente dirigida a um centro. Multiplicar os invólucros em torno de uma realidade é multiplicar as garantias de sua posse, é impedir as emanações, as perdas sutis. É fixá-la solidamente no espaço. *Circumscrever o real equivale a estabilizá-lo.*”

Eis, a nosso ver, a prova mais simples e mais forte do realismo. Se essa prova falhar, o realismo estará comprometido. Será preciso abandoná-lo ou, no mínimo, modificá-lo completamente. Ou seja, mais vale que mude de nome.

É essa prova que vamos discutir agora.

II

Situamos o primeiro motivo de discussão na própria base da *localização precisa*. A pergunta essencial é: não há antinomia entre a certeza da localização e sua precisão? Se provamos que o realismo é certo na medida em que é impreciso, vai nos parecer estranho que tenha sido afirmado que o conhecimento científico e preciso liga-se naturalmente à metafísica realista.

Na localização realista que descrevemos, a raiz da certeza estará de fato fixada no *interior* da célula de localização? Para responder a essa pergunta, vejamos onde se fundamenta a certeza quando ela é posta em dúvida, quando se provoca uma polêmica. Para ficar bem seguro quanto à sua topologia, o Realista a torna grosseira e, por isso, negativa.